



## ECONOMIA CRIATIVA, CULTURA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Lidiana Costa de Sousa Trovão<sup>1</sup>  
Renato de Souza Nunes<sup>2</sup>

**RESUMO:** A pesquisa aborda a economia criativa, termo complexo que contempla a cultura em diversos aspectos e promove o desenvolvimento. Justifica-se face às necessárias mudanças sociais que são impactadas pela economia criativa, capaz de modificar cenários e alcançar desenvolvimentos. Objetiva demonstrar a possibilidade da sociedade se desenvolver sustentavelmente por meio da economia criativa, e destaca o potencial agregador que o Brasil possui. Destaca a transversalidade da economia criativa, a partir da instrumentalização da cultura em programas de transformação social, utilizados como vetor estratégico de desenvolvimento para sociedade. Utilizou-se o método dedutivo com base em pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Acesso à cultura. Economia criativa. Desenvolvimento sustentável. Transformação social.

## CREATIVE ECONOMY, CULTURE AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT

**ABSTRACT:** The research addresses the creative economy, a complex term that includes culture in different aspects and promotes development. It is justified given the necessary social changes that are impacted by the creative economy, capable of changing scenarios and achieving developments. It aims to demonstrate the possibility for society to develop sustainably through the creative economy, and highlights the aggregating potential that Brazil has. It highlights the transversality of the creative economy, from the instrumentalization of culture in social transformation programs, used as a strategic vector of development for society. The deductive method based on bibliographic research was used.

**Keywords:** Access to culture. Creative economy. Sustainable development. Social transformation.

### 1. INTRODUÇÃO

O estudo aborda a tomada de consciência por parte da indústria criativa para realização de práticas sustentáveis, ainda que ela seja, por si, uma necessidade de preservação do meio ambiente e da promoção de meios sustentáveis. Desse modo, a economia criativa voltou-se para reafirmação dessa prática, com vistas a realização de suas atividades de modo mais consciente no contexto ambiental e no consumo sustentável.

<sup>1</sup>Doutoranda e Mestre em Direito pela Universidade de Marília/SP. Pós-graduada em Direito Civil e Processo Civil. Bolsista PROSUP/CAPEL. Professora. Advogada.

<sup>2</sup>Doutorando em Direito pela Universidade de Marília/SP. Mestre em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. Pós-graduado em Direito Civil. Professor. Advogado.





O Brasil possui um potencial vasto de produção de economia criativa, principalmente no seio das comunidades, que se voltam para realização de projetos culturais que incluem arte e música, em especial. A ruptura de um modelo elitista de produção cultural amplia o horizonte de possibilidades que são fecundadas e auxiliam no desenvolvimento dos nichos em que se desenvolve e dos que fazem parte da cadeia produtiva cultural.

Certo é que a economia criativa nasce por meio da necessidade de mudança de um cenário estagnado e desesperançoso, para incutir nas pessoas que mudanças sociais podem ser alcançadas por meio da arte, da música e da cultura de um modo geral, fomentando um espaço de efetivação de direitos sociais e de desenvolvimento em diversas esferas.

O trabalho desenvolvido pauta-se na pesquisa das realidades vivenciadas no seio da economia criativa, e que o Brasil possui potencial agregador para essas atividades. Procura-se destacar as principais atividades desenvolvidas no Brasil e que refletem o contexto de sucesso em que a economia criativa vem se desenvolvendo, demonstrando que a transversalidade de pensamentos, talentos e oportunidades são vetores que, alinhados, podem representar desenvolvimentos sociais, econômicos e políticos no Brasil.

## 2. ECONOMIA CRIATIVA NO BRASIL

Economia criativa e cultura são eixos interligados que exprimem a ideia de utilização do material criativo, de tecnologias sociais para disseminação de criatividade, capital intelectual e social. Possibilita que ideias simples sejam fomentadas e cheguem a alcançar públicos por meio do desenvolvimento a partir da cultura, e assim, toda uma cadeia de elementos como a economia e a educação, por exemplo.

A partir de uma definição enxuta, “economia criativa é o conjunto de negócios baseados no capital intelectual e cultural e na criatividade que gera valor econômico” (SEBRAE, 2020, p. 01). Ao longo dos anos, esse contexto de oportunidades e empreendedorismo em matéria de produção e disseminação do contexto cultural tem se expandido no Brasil, dando vida a diversos projetos principalmente no seio das comunidades em grandes cidades.

Compreende um conjunto de atividades econômicas, muitas vezes baseadas no conhecimento, “que fazem uso intensivo do talento criativo incorporando técnicas e/ou tecnologias e agregando valor ao capital intelectual e cultural” (LEMOS, 2011, p. 09).



Através da cultura, ela gera riqueza e se constitui num poderoso instrumento de alavancagem do desenvolvimento socioeconômico.

Trata-se, portanto, de “um termo criado para nomear modelos de negócio que se originam em atividades que englobam de criação a produção de produtos e serviços que usam a criatividade, tecnologia e conhecimento como recurso produtivo” (SANTOS; NANNI, 2018, p. 95), desenvolvidos a partir do conhecimento, criatividade ou capital intelectual de indivíduos com vistas à geração de trabalho e renda.

A UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), aponta que a economia criativa não é inovadora, e observa:

If you get your broadcasts online or buy your news from a news stand, subscribe to an entertainment streaming service or go to your local cinema, buy clothes or furniture online or in a mall, read a book or listen to music en route to work, you are consuming a creative product or service. The creative economy covers the knowledge-based economic activities upon which the ‘creative industries’ are based. These industries include advertising, architecture, arts and crafts, design, fashion, film, video, photography, music, performing arts, publishing, research and development, software, computer games, electronic publishing and TV/radio. (UNCTAD, 2021, p. 01)

No Brasil, os contornos da economia criativa se corporificaram a partir da década de 2000, quando se viu que essa atividade ganhava expressão e importância no cenário social, econômico, e, sobretudo, da atividade criativa. Antes disso, o que havia eram algumas iniciativas isoladas, mas que, com o tempo, foram multiplicadas e acabaram ganhando o apoio de algumas entidades, órgãos e também a iniciativa privada.

A inserção da economia criativa no processo produtivo alcança empresas e está mais intimamente ligada à iniciativa privada, apesar das nuances de coletividade dadas pelos benefícios que ela alcança no seio social. O desafio, no entanto, é que elas possam alcançar um nível tecnológico satisfatório para se manter num mercado cada vez mais competitivo, em que o uso dessa ferramenta é praticamente obrigatório.

Em termos específicos, o uso da criatividade aliada à tecnologia num contexto econômico serve não apenas para dinamizar uma atividade, como também para reinventá-la, enquanto conteúdo simbólico. Essa perspectiva auxilia na compreensão de que indústrias criativas e sua economia podem se valer da economia criativa para enfrentar eventuais problemas ou crises que a indústria tradicional está suscetível.



Na atualidade, o que se observa é que há um amplo espaço de atuação conquistado pela economia criativa, atingindo áreas de responsabilidade política e administração pública. A partir desse reconhecimento, “muitos governos criaram ministérios, departamentos ou unidades especializadas para lidar com as indústrias criativas – o que é o caso do Brasil, que atualmente conta com uma Secretaria de Economia Criativa no Ministério da Cultura (SEC/MinC)” (OLIVEIRA; ARAÚJO; SILVA, 2013, p. 07).

Em 2012 no governo de Dilma Rousseff, foi criada a Secretaria da Economia Criativa, com a finalidade de “conduzir a formulação, a implementação e o monitoramento de políticas públicas para o desenvolvimento local e regional, priorizando o apoio e o fomento aos profissionais e aos micro e pequenos empreendimentos criativos brasileiros” (SANTOS; NANNI, 2018, p. 95).

Atualmente, a estrutura do governo federal conta com a Secretaria Nacional da Economia Criativa e Diversidade Cultural, vinculada ao Ministério do Turismo, criada pelo Decreto nº 7.743/2011 e mantida na estrutura do governo atual. Tendo como premissa que as atividades culturais e criativas são uma vocação da sociedade brasileira, o governo federal, por meio da citada Secretaria, atua no sentido de que as políticas públicas possam promover a valorização e o reconhecimento, das atividades criativas.

A criação da Secretaria da Economia Criativa significou o ponto de partida no processo de institucionalização da economia criativa. (REIS *et al*, 2017). A partir de então, outras iniciativas foram tomadas pelo Governo Federal, como a “consolidação de observatórios e destinação de financiamentos públicos aos setores criativos” (REIS *et al*, 2017, p. 53).

No ano seguinte, em 2012, o governo federal investiu R\$ 12,4 milhões no financiamento de estudos e pesquisas sobre economia criativa e setores criativos, por meio do Observatório Brasileiro da Economia Criativa (OBEC), que “objetiva produzir, reunir e difundir informações quantitativas e qualitativas sobre a economia criativa brasileira, ficando sob responsabilidade da Secretaria da Economia Criativa do MinC” (BRASIL, 2013, p. 01).

Não obstante, procura estimular a “**dimensão econômica das atividades culturais e criativas**, procurando evidenciar e aprofundar as contribuições do setor para o **desenvolvimento do Brasil**” (BRASIL, 2021) (grifos originais). Não obstante, é preciso evidenciar que o capital intelectual é parte indissociável ao processo criativo, que pode se dar dentro das várias possibilidades que compõem o tecido cultural.



No ano seguinte ao da criação da Secretaria da Economia Criativa, foi dado passo importante para o processo de institucionalização da economia criativa. Outras iniciativas foram tomadas pelo Governo Federal, tais como a consolidação de observatórios e destinação de financiamentos públicos aos setores criativos. Em 2012 foi criado o primeiro Observatório Brasileiro da Economia Criativa (OBEC) e foram investidos R\$ 12,4 milhões no financiamento de estudos e pesquisas sobre economia criativa e setores criativos.

Quando antes se tinha o paradigma da sociedade industrial impulsionada pelo capital financeiro, este elemento era o principal estímulo para que o setor se desenvolvesse, praticamente não se falava em capital humano, visto apenas como força de trabalho. O deslocamento dessa referência para a valorização do conhecimento e potencial criativo fizeram com que empreendimentos pudessem ser pautados exclusivamente nessa força propulsora.

O Sebrae desempenha um importante papel enquanto terceiro setor, formalizando parcerias com entidades representativas da Economia Criativa em âmbito nacional, que “são negociadas e formalizadas conforme os normativos internos do Sebrae e a metodologia de gestão de projetos” (SEBRAE, 2021, p. 01). Os projetos contemplam o âmbito do governo federal, sociedade civil e universidades do Brasil, nichos que abrigam projetos de economia criativa, inesgotável recurso de possibilidades.

Diversas entidades e órgãos são parceiros do Sebrae para promoção e fomento da economia criativa, como a Apro - Associação Brasileira da Promoção de Obras Audiovisuais, ABragames - Associação Brasileira dos Desenvolvedores de Jogos Digitais, Bravi - Brasil Audiovisual Independente, ABMI - Associação Brasileira da Música Independente, e órgãos como a Ancine - Agência Nacional do Cinema e o Ministério da Cultura - (MinC).

Como se vê, a dinamicidade é um traço dominante na economia criativa, celeiro de oportunidades em diversos segmentos culturais. Do ponto de vista econômico, conforme panorama traçado por Oliveira, Araújo e Silva (2013, p. 07), a economia criativa “[...] é um conjunto de segmentos dinâmico, cujo comércio mundial cresce a taxas mais elevadas do que o resto da economia, independentemente da forma de mensuração”.

Essa menção trata da perspectiva e previsibilidade que se pode ter face aos produtos e serviços decorrentes da criatividade e conhecimento. Como bem observam Santos e Nanni (2013, p. 96):



A economia criativa promove a diversificação econômica, de receitas, de comércio e inovação, e pode se relacionar, de forma simbiótica, com as novas tecnologias, notadamente as tecnologias de informação e comunicação. Iniciativas baseadas na abordagem de economia criativa podem promover a revitalização de áreas urbanas degradadas, ou mesmo o desenvolvimento de áreas rurais com herança de patrimônio cultural.

E, 2019, a FIRJAN - Federação da Indústrias do Estado do Rio de Janeiro realizou pesquisa que de origem ao Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil – Edição 2019, que condensa informações acerca das transformações da nova economia, caracterizadas por novos modelos de negócio, hábitos de consumo e relações de trabalho. (FIRJAN, 2020).

O levantamento o mercado de trabalho revelou que no ano de 2019 foram abertas 24.500 vagas para profissionais que atuam em dez profissões da economia criativa, refletindo “as transformações da nova economia, caracterizada por novos modelos de negócio, hábitos de consumo e relações de trabalho” (FIRJAN, 2020, p. 01). As profissões que mais atuam empregando o capital criativo são, de acordo com o citado levantamento, são: Analista de pesquisa de mercado (+42%); Analista de negócios (+23%); Chefe de Cozinha (+21%); Editor de mídia eletrônica (+20%); e Designer de eventos (+15,3%) apresentaram crescimento significativo. Logo depois aparecem Designer de moda (+14%); Designer de produtos (+10%); Designer gráfico (+4,9%); Programador (+3,3%); e Gerente de TI (1,4%). (FIRJAN, 2020, p. 01)

Essa pesquisa demonstra que é a tecnologia a responsável por agregar o maior número de profissionais, ficando com a fatia expressiva de 37,1%, demonstrando, também, há um alinhamento “[...] à tendência mundial de transformação digital, empresas brasileiras se preparam para trabalhar com grande volume de dados e com a convergência das tecnologias” (FIRJAN, 2020, p. 01). Esse contexto reflete também que a atividade, além de socialmente crescente, permite que os criativos em tecnologia tenham remuneração três vezes maior que o salário médio nacional, que é de R\$ 2.777. Desse modo, os profissionais possuem remuneração média de R\$ 9.518 por mês, conforme dados da Firjan (2020).

Outro ponto importante, que norteia os projetos que envolvem a aplicação da economia criativa, diz respeito ao desenvolvimento sustentável, e enseja o direcionamento da pesquisa para obedecer a um novo recorte. As definições de economia criativa já implicam sustentabilidade, tendo em vista que não envolvem processos de degradação do meio ambiente. As iniciativas nessa seara se dão com a utilização do capital humano, da



criatividade, cujas empresas investem no equilíbrio socioambiental, assunto que será tratado no tópico a seguir.

## 2.1 ECONOMIA CRIATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A Organização das Nações Unidas declara o ano de 2021 como o ano internacional da economia criativa para o desenvolvimento sustentável, firmada em 2019 na 74<sup>a</sup> sessão da Assembleia Geral. Através dessa proposta, todos os Estados Membros, organizações das Nações Unidas e outras organizações internacionais e regionais, bem como a sociedade civil, setor privado, organizações não governamentais, acadêmicos e indivíduos, a observar o Ano Internacional de maneira apropriada e de acordo com prioridades nacionais. (VIA UFSC, 2020).

Entretanto, o contexto mundial pós-pandemia exige que essa iniciativa seja repensada, para que os seus objetivos sejam realinhados e tentar alcançar os objetivos antes traçados. Apesar de fortemente atingido com a pandemia COVID 19, existe a possibilidade de que esse cenário seja, na verdade, propício, ou seja, celeiro de novas ideias. A proposta da UNCTAD (2021), “reconheceu a necessidade de promover o crescimento econômico sustentado e inclusivo, fomentar a inovação e fornecer oportunidades, benefícios e empoderamento para todos e o respeito por todos os direitos humanos”.

Na esteira, reconheceu que os países em desenvolvimento e os países com economias em transição precisam de apoio na diversificação da produção e das exportações, inclusive em novas áreas de crescimento sustentável, incluindo indústrias criativas. (UNCTDA, 2021, p. 01). A UNCTD procura promover diálogos no sentido de que os Estados membros e suas Organizações Não Governamentais tenham o engajamento, “proporcionando um fórum para discussão franca e focada sobre questões atuais da política comercial internacional de uma perspectiva de desenvolvimento” (INICIATIVA CULTURA, 2021, p. 01).

A economia criativa costuma florescer exatamente em cenários de poucas oportunidades, e nesse contexto, talvez seja este o ano em que ela possa se reerguer. Considerando as estimativas da ONU, que em 2020, com o cancelamento de apresentações públicas, houve a perda de pelo menos de 30% dos royalties globais, enquanto que a indústria cinematográfica global perdeu US \$ 7 bilhões em receitas.



Entretanto, esses dados pertencem ao passado, e as expectativas para 2021 foram traçadas no 25 de janeiro de 2021 pela a UNCTAD (*United Nations Conference on Trade and Development* – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), que deu boas-vindas ao Ano Internacional da Economia Criativa para o Desenvolvimento Sustentável: Economia Criativa para o Desenvolvimento Inclusivo e Recuperação Global.

A importância desse reconhecimento em torno da economia criativa, na verdade, possui uma razão muito maior, que é a expectativa de que ela se desenvolva em um ambiente sustentável, considerando que suas atividades, na contemporaneidade, já existem há pelo menos 20 anos.

O tema da sustentabilidade ecoa num tempo em que o planeta reclama medidas de contenção de atritos e degradações ao meio ambiente. Países como a Indonésia, que contribui com 7,4% do PIB das nações e o Reino Unido, que arrecada com a economia criativa £ 101,5 bilhões (de libras esterlinas) para os cofres do país, são os dois países com grande exponência no segmento. (UNCTAD (b), 2021, p. 01).

De um modo geral, o que agrega à economia criativa é o seu valor cultural, que adicionado aos ganhos comerciais, possibilita que haja projeções no conceito da sustentabilidade, em setores diversos. A associação da economia criativa com a sustentabilidade, expressa na noção de desenvolvimento sustentável, e na atualidade, também alcança as cidades criativas como *locus*.

A percepção de que a economia criativa se desenvolve em ambientes eminentemente urbanos, e que possui alto nível de dinamicidade. O nascimento da economia criativa se deu sobre os pilares da sustentabilidade, mas dentro de uma sociedade complexa, predominantemente urbana e globalizada. Entretanto, durante as prévias da reunião de Estocolmo em 1972, o desenvolvimento foi posto em debate, face à dicotomia das preocupações entre países desenvolvidos, que buscavam encontrar mecanismos para elevação da qualidade de vida ameaçada pelos efeitos ambientais.

De outro lado, os países em desenvolvimento, que tentavam direcionar os debates à necessidade de combater a pobreza antes de pensar em problemas ambientais dentro de uma escala de prioridades mais próxima da sua realidade. Partindo-se dessas premissas, é possível compreender que desenvolvimento é “um processo pelo qual se busca atingir um determinado objetivo considerado ideal e apropriado para que o bem-estar, o conforto e a satisfação





peçoal sejam alcançados” (FERREIRA, 2012, p. 121), e esse processo contempla a sustentabilidade.

Com efeito, Antunes (2019, p. 23), observa:

O grau maior de proteção ambiental é uma razão direta do maior nível de bem-estar social e renda da população. Por isso as principais declarações internacionais sobre meio ambiente sempre enfatizam a necessidade de desenvolvimento econômico, o qual deverá ser sustentável.

Com o passar dos anos, a ideia continuou sendo fomentada, dando ensejo à discussão em torno da noção de desenvolvimento sustentável, a exemplo da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), realizada na cidade do Rio de Janeiro, que contribuiu para “expandir a defesa da sustentabilidade para diferentes planos, como, por exemplo, na discussão das questões urbanas, com a introdução do conceito de ‘cidade sustentável’, assim como na cultura, com base na noção de ‘sustentabilidade cultural’” (PAGLIOTO, 2016, p. 30). Partiu-se, portanto, de uma concepção redutora de desenvolvimento, decorrente da Revolução Industrial, e chegou-se ao conceito de desenvolvimento sustentável, consagrado durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento.

A via para análise da dimensão da pobreza nos países em desenvolvidos contrasta com os desejos dos países desenvolvidos porque estes já alcançaram certo nível de equilíbrio socioeconômico que os permite preocupar-se, e principalmente, com o investimento em outros setores, como o meio ambiente. Nos países em desenvolvimento, esta é somente mais uma das preocupações, que acaba sendo preterida face à busca pela melhoria do bem-estar humano no sentido de sobrevivência, já que a pobreza invariavelmente causa desigualdade.

A degradação o meio ambiente, como descreve Morin (2015, p. 101) se trata de uma ameaça, fruto do “desencadeamento de um processo de três fases (mundialização, ocidentalização, desenvolvimento) que degrada a biosfera de modo irresistível, tanto global como localmente [...]”. Nas duas divisões em que se inserem os países se verifica a multiplicação das poluições urbanas, agrícolas, atmosféricas, fluviais, marítimas, dos solos.

Existe a possibilidade de utilização de uma via reformadora, feita através do modo de pensar, da forma como se engloba a relação da humanidade e a natureza em sua complexidade. A economia criativa tem a possibilidade de mudar o pensamento humano por meio da criatividade e da produção do conhecimento, e, ao mesmo tempo, se voltar para a



moldura da sustentabilidade. A UNCTDA procura engendrar uma ecopolítica em nível planetário, assim como propõe Morin (2015), considerando fatores de poluição em conjunto com a diversidade, colimando em grandes linhas de reforma.

A sustentabilidade alcança várias dimensões, e agrega características positivas quando associadas à economia criativa, cuja “inter-relação se revela a partir da análise de possíveis diálogos entre os termos usados para definir EC<sup>3</sup> e oito dimensões da sustentabilidade [...]” (MESSIAS; NASCIMENTO; SILVA, 2020, p. 13). Essas dimensões são comumente sentidas nas searas econômica, social, cultural, ambiental, territorial, tecnológica, político-institucional e ética. Nos seus diversos cenários, tem como objetivo comum a criação de uma nova consciência ambiental, no seio do conceito vanguardista de ecodesenvolvimento.

A proposta se baseia no fato de que desenvolvimento e sustentabilidade podem ocorrer de forma síncrona, e contribuir para que diversos setores possam crescer sem o efeito deletério da degradação ambiental, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento. Mesmo porque a economia criativa pode ser um caminho para que diminuir a pobreza, onde tanto o econômico quanto o cultural contribuem decisivamente nesse processo.

Há uma projeção que se dá entre a economia criativa e o crescimento econômico, de que o desenvolvimento sustentável é possível de ser realizado. Noutros termos, “a economia criativa transita da economia da escassez para a economia da abundância, em que os recursos naturais são escassos, e por exemplo utilizados obedecendo-se sua capacidade de resiliência”. (DALCOMUNI, 2018, p. 24). É um processo que envolve ressignificações, e por mais que não seja exatamente um debate novo, a necessidade de discussão constante para realinhamento das estratégias faz com que esse foco esteja sempre presente nos debates.

Entretanto, investimentos públicos e privados são necessários para que os projetos possam ganhar vida, e dentro de uma visão neoliberal, cultura e desenvolvimento são as ferramentas para o crescimento da indústria cultural, da melhor forma de exploração do lazer e turismo. São meios de desenvolvimento que tem por base parâmetros essencialmente econômicos, que podem ter “apoio financeiro dos bancos internacionais de fomento como BID e Banco Mundial –, a partir da manipulação instrumental de manifestações e valores culturais” (PAGLIOTO, 2018, p. 32).

O desenvolvimento, em qualquer dimensão, costuma ser associado à degradação do meio ambiente, tendo em vista a dificuldade de conceber a ideia de que ele pode ocorrer sem

---

<sup>3</sup> Economia criativa.



que haja a utilização de recursos naturais renováveis e não renováveis, porém, duplamente esgotáveis. As fontes renováveis só passam a ter essa característica caso haja uma conduta ativa do homem, o que nem sempre acontece, como é o caso do reflorestamento e dos diversos processos de reciclagem.

O desenvolvimento sustentável decorreu da evolução da concepção redutora de desenvolvimento, estabelecida no período da Revolução Industrial, no qual se busca o estabelecimento de uma nova relação entre desenvolvimento e meio ambiente. O que se busca é “um nível de sustentabilidade capaz de promover o crescimento econômico e, simultaneamente, a manutenção de um amplo conjunto de fatores que produzem efeitos diretos ou indiretos, mediatos ou imediatos, sobre os seres vivos e o equilíbrio ecológico do planeta” (FERREIRA, 2012, p. 120).

Atualmente, o que se sabe com relativa certeza é que o Estado possui o papel de facilitador da economia criativa, que pode ser concretizada por meio de políticas públicas, como instrumento para o desenvolvimento e o fortalecimento da economia criativa no país e voltado para as necessidades de cada nicho social. Nesse sentido, a cultura tem se mostrado um fator que agrega grande potencial articulador dentro da economia criativa, pois tem a capacidade de estimular e fortalecer a relação entre a criatividade, cultura, empreendedorismo e tecnologia.

A cultura, como evento transversal ao desenvolvimento, costuma assumir o papel importante perante as comunidades, e independe do local onde se desenvolva.

### 3. CULTURA E TRANSVERSALIDADE DO DESENVOLVIMENTO

A cultura abrange todos os aspectos da vida, constituindo, como um conjunto de concepções originais que a sociedade toma para representar signos próprios do ambiente em que vivem. A demonstração da cultura, seja ela por consequências agregadoras de realidades já vividas, seja pela prospecção de habilidades de a necessidade de contemplar o cotidiano, geralmente se torna fator de unificação e proximidade entre as pessoas. Há um contexto de identificação, seja por questões pessoais, sociais, econômicas ou intelectuais.

É interessante notar como essas definições acabam interferindo no bem-estar da sociedade, e por mais que adquiram contextos diversos, todos eles implicam um certo exercício de liberdade, uma vez que imprimem a efetivação de direitos. Como uma das



dimensões da sustentabilidade, a cultura influencia no consumo e leva em consideração as especificidades culturais de cada localidade.

Sachs (2005, p. 151) entende que “desenvolvimento e a cultura são dois megaconcertos situados na intersecção de várias disciplinas, que conquistaram um lugar central nas ciências sociais do século XX pelo seu caráter holístico e pluridimensional”. Ao longo dos anos, o conceito de desenvolvimento tem sido modificado, para que sua interpretação possa contemplar todos os seus vértices. Contudo, o aspecto ideológico que acompanha as análises científicas conduz a cultura como o construto fundamental da antropologia, enquanto as relações do desenvolvimento com a economia são mais frágeis.

Desse modo, quando se agrega determinada cultura, seja por meio da arte, como a música, o teatro, a pintura ou a dança, aquela localidade se vê vocacionada a consumir produtos e serviços ligados a essas atividades. Mergulha-se na atmosfera cultural daquele contexto sociocultural, e por meio dele a comunidade realinha seu padrão de consumo e as novas relações de trabalho, sociais, econômicas e éticas com o meio ambiente.

Quando esse sentimento culturalista está arraigado à comunidade, é possível verificar que toda ela se direciona seu modo de vida, formalizando uma educação criativa. Sobre o assunto, Messias, Nascimento e Silva (2020, p. 14) explicam que, “nos termos educação criativa e formação cultural evidencia-se a relação da EC com a dimensão cultural da sustentabilidade, assim como os indissociáveis termos economia da cultura e indústrias culturais e criativas”.

Quando o desenvolvimento é analisado sob a ótica da democracia e da cultura como processos integrados, se verifica a formação de uma democracia cultural, constituída por “um conjunto de processos de distribuição de bens, oportunidades, participação na criação e no sistema de decisões” (SILVA; ARAÚJO, 2010, p. 20). Doravante, explicam:

Esse conjunto, por sua vez, se irradia para os processos contínuos de desenvolvimento, que significam crescente melhoria das condições de vida e reconhecimento de que formas alternativas de vida e cultura devem ser respeitadas em sua dignidade, inclusive por contribuírem com o desenvolvimento, o convívio e a interação dos diferentes; ou seja, por concorrerem para a interculturalidade. O desenvolvimento cultural, por sua vez, é o conjunto de transformações socioeconômicas e políticas que permitem a ampliação das atividades culturais, da interculturalidade e do reconhecimento da diversidade. (SILVA; ARAÚJO, 2010, p. 21).



A cultura é uma atividade criadora, e que tem forte intimidade com qualquer classe social, potencial de geração de emprego e circulação de riquezas, além de ser vetor de desenvolvimento social. Acerca da importância da cultura no seio social, Sachs (2005, p. 162), aduz que “trata-se de um setor da maior importância para a consolidação da identidade nacional, para o estímulo da autoconfiança e para a organização do tempo de não-trabalho, que constitui um componente fundamental dos nossos modos de vida e do nosso desenvolvimento pessoal”.

A partir dessa afirmação é possível verificar o potencial agregador e que provoca expansão econômica no setor cultural, com a geração de empregos por meio ou decorrente da atividade realizada por empreendimentos de pequeno e médio porte. No Brasil existem alguns exemplos de empreendedorismo no âmbito da economia criativa, e um deles é a empresa comandada pelo rapper Emicida, a Laboratório Fantasma, que se tornou um canal de afirmação da voz das ruas.

A empresa se baseia na arte urbana e atua em diversas vertentes. Iniciou seus trabalhos na cidade de São Paulo, baseada na cultura do hip hop e na influência que ela traz na comunidade da Zona Norte, no bairro de Santana. Iniciada em 2009, como um coletivo batizado de Na Humilde Crew, vendia camisetas confeccionadas artesanalmente, até se tornar a Laboratório Fantasma, que agrega cultura e desenvolvimento, com a produção de *mixtapes*, videoclipes, eventos, turnês, sempre em esquema “faça você mesmo”, conforme descrição contida no site da empresa (LABORATÓRIO FANTASMA, 2020, p. 01).

Nela, se pode verificar a transversalidade do desenvolvimento a partir da economia criativa, considerando que dela decorrem a geração de emprego e renda, o desenvolvimento intelectual, laboral e social da comunidade. O site da empresa ainda gerencia a carreira de diversos artistas com a utilização de multiplataformas, além da venda de diversos produtos por meio de seu site oficial.

Por meio da análise da Laboratório Fantasma, em que o material humano é utilizado para exploração cultural, observa-se que “as atividades relacionadas às economias criativas são rotineiras e duradouras e integram-se em circuitos regulares”, à luz da compreensão de Silva (2020, p. 16). De fato, a economia criativa conduzida por meio de sua transversalidade com o desenvolvimento é marcada por movimentos periódicos, como “eventos com maior ou menor amplitude (seminários, encontros, espetáculos, festas, salões, feiras, festivais,



exposições etc.)”, que “se materializam em espaços e equipamentos específicos. Na verdade, a realização de eventos é uma das características da área cultural” (SILVA, 2020, p. 16).

A consecução da cultura em meio aos desafios do desenvolvimento e tudo que ele proporciona para sociedade, com seus efeitos e externalidades, mas prescindem de políticas públicas culturais. Contudo, essa relação nem sempre é harmoniosa, pois esses tais planejamentos públicos não alcançam o potencial.

#### 4. DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL POR MEIO DA DISSEMINAÇÃO DA CULTURA

A pluriculturalidade que o Brasil tem o privilégio de ter não é para poucos. Dada a sua origem múltipla, condensa traços nativos e adotados, incorporados e miscigenados, de modo que é impossível determinar quais os traços dominantes. Mas apesar disso, enfrenta problemas de ordem econômica e social que fazem com que as possibilidades de que esse leque de meios culturais não consiga se disseminar de modo mais adequado.

Muitos são os desafios enfrentados, não apenas para a consecução de projetos culturais, que demandam iniciativas que nem sempre estão organizadas o suficiente para compor os contextos. Há, de fato, uma complexidade, própria das populações que somam essas características, mas que, por outro lado, compõem um celeiro de possibilidade de concretização cultural e de ideias que suplantam.

O principal meio de disseminação da cultura é por meio da implementação de políticas públicas, que devem ser, assim como todas desse segmento, planejadas e orquestradas, a fim de que atinjam seu objetivo. A pauta para inserção da economia criativa como eixo estratégico de desenvolvimento tem sido alargada em todo o mundo, considerando o percentual expressivo que representa no Produto Interno Bruto (PIB) mundial.

Nesse sentido, o papel do Estado é preponderante, tendo em vista que é dele a função de ser um facilitador da economia criativa, pois “as políticas públicas devem ser pensadas como instrumento para o desenvolvimento e o fortalecimento da economia criativa no país”, como apontam Reis *et al* (2017, p. 55). Cada país deve se ajustar para desenvolver os setores essenciais à economia criativa e direcioná-los para adaptar-se à realidade de cada país.

Sabe-se que um dos maiores desafios para implementação de um modelo adequado de economia criativa é sua incorporação e articulação ao crescimento econômico e sustentável



alinhado aos objetivos do país nesses dois aspectos principais. Deve visar o desenvolvimento creditado na melhor distribuição de renda, inclusão socioeconômica e valorização dos empreendedores criativos, com a pretensa e importante participação do Estado, mas sem desvencilhar o projeto de desenvolvimento do capital privado.

Na visão de Pedigo (2015, p. 193):

[...] o maior desafio de nosso tempo – para governos, instituições educacionais e empresas – é encontrar caminhos para penetrar na criatividade de cada ser humano. Para tanto, nosso sistema educacional tem de fazer mais para estimular a criatividade de nossa futura força de trabalho e assegurar que ela está seguindo trilhas guiada por suas paixões e habilidades naturais. Isto requererá uma nova forma de pensar sobre educação; teremos de fazer experiências com novos parceiros, modelos, currículos e ambientes.

O fomento ao desenvolvimento a partir de projetos criativos não precisa partir unicamente da indústria criativa, como pode também ser incentivada a surgir em outros empreendimentos, que podem se tornar criativos. Como ilustrado por Paladino (2018, p. 01) “a criatividade de todos os trabalhadores, consumidores e empreendedores é essencial para a geração de inovações e o aumento da competitividade dos negócios”.

Essa abrangência também permite que os diversos atores envolvidos deem voz ao seu conhecimento, ao capital intelectual e cultural que compõe o cerne da economia criativa. Veja-se que o termo está muito ligado às comunidades, por ser um mecanismo de ascensão social e criação de oportunidades para possível ascensão social. É certo que essa perspectiva é muito observada mundo a fora, apesar de que “as sociedades que apresentam níveis educacionais altos – talentos e habilidades – têm mais chances de empreender negócios inovadores e criativos”, de acordo com Paladino (2018, p. 01).

No Brasil, a formulação de políticas públicas passa por três fases e demanda a reunião dos atores envolvidos no contexto (área ou setor), a fim de que a autoridade pública possa reunir opiniões “que servirão como fonte de ideias, que poderão apontar o caminho desejado por cada segmento social, auxiliando na escolha e, ao mesmo tempo, contribuindo com a legitimidade da opção que vier a ser adotada” (RAMASCO; BLANCHET, 2017, p. 352).

A ideia inicial é o mapeamento do setor em que a economia criativa será fomentada, de modo que a conscientização da sociedade da importância em termos econômicos possa compor a primeira parte da política pública. Em seguida, buscar efetuar a aplicação dos recursos com vistas a alcançar o desenvolvimento do setor, e não de maneira isolada, mas



para isso não basta o encorajamento da indústria criativa, é preciso que todas as indústrias se tornem de alguma forma criativas.

Somado ao contexto dos 3 Ts o desenvolvimento econômico, composto por talento, tecnologia e tolerância, o novo elemento deu vida ao conceito 4 Ts, acrescentando o território para definir perfis qualitativos das indústrias e áreas da economia criativa na cidade. Com efeito, alcançar a harmonia desses elementos é um grande desafio, e depende da junção de elementos como investimentos, conscientização, incentivos governamentais, dentre outros.

Borini (2016, p. 01) explica que, a partir da definição dos 4Ts, o estudo posicionou o Brasil em relação a outros países, face a dificuldade que o país tem de manter sua força de trabalho no território, considerando a falta de estrutura e respaldo legislativo para registrar projetos intelectuais. O cenário brasileiro demonstra que o país está bem posicionado em relação ao atendimento dos requisitos dos 4Ts, sendo a tolerância o elemento que se destaca, pois o Brasil é visto como nação aberta e receptiva.

No geral, de acordo com Borini (2016, p. 01), “o Brasil é visto como um País de muitas oportunidades com economia criativa. O ponto desafiador é unir o potencial intelectual dessa indústria ao mundo dos negócios”. O objetivo de dar valor econômico às ideias e criar uma cultura empreendedora tem sido trabalhada ao longo dos anos, a fim de que, com essa premissa, se possa incutir na sociedade que a economia criativa consegue adentrar todos os domicílios e se moldar a todos os gostos, sem distinção.

## 5. CONCLUSÃO

A economia criativa dá oportunidade aos setores criativo e intelectuais reafirmem seus espaços, partindo-se de objetivos desenvolvimentistas e ampliando-se para alcançar a sustentabilidade. A pesquisa iniciou-se dando ênfase à economia criativa no Brasil, e foi possível identificar que o setor tem recebido orientações por parte do Ministério da Cultura, do terceiro setor e da iniciativa privada, mas ainda prescinde de alocações em nível de políticas públicas mais efetivas.

A transversalidade da cultura, em termos específicos quanto à necessidade de maiores investimentos, ainda esbarra no objetivo maior que é o desenvolvimento, tanto social quanto econômico. Sabe-se que o Brasil é um celeiro de inovações no que se refere à cultura, e se vale da diversidade para que setores como a música e a arte possam ter maiores projeções,





mas que enfrentam desafios para que esses projetos, que muitas vezes nascem nas comunidades pobres, possam ter o direcionamento adequado.

Assim, a dificuldade em fazer do exercício de contextos culturais possa alcançar níveis mínimos de desenvolvimento e que este possa ser obtido de maneira sustentável, demandam que os atores estejam conscientes de seus papéis, como também, que os trabalhos sejam devidamente acreditados.

## 6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Paulo de Bessa. **Direito Ambiental**. São Paulo: Atlas, 2019.

BORINI, Guilherme. **Desafios da economia criativa no Brasil**. 05/10/2016. Disponível em: [Chanel usa data center como tema de desfile e leva tecnologia para passarelas | IT Forum](#). Acesso em: 23 set. 2021.

BRASIL. **Secretaria especial da cultura**. Observatório Brasileiro da Economia Criativa. 27/03/2013. Disponível em: [Observatório Brasileiro da Economia Criativa – Secretaria Especial da Cultura](#). Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. **Secretaria especial da cultura**. Economia Criativa. 2021. Disponível em: [Economia Criativa – Secretaria Especial da Cultura](#). Acesso em: 24 set. 2021.

INICIATIVA CULTURAL. Instituto das Indústrias Criativas. **Ano internacional da economia criativa**. 23/01/2021. Disponível em: [Ano Internacional da Economia Criativa – Iniciativa Cultural](#). Acesso em: 21 set. 2021.

FERREIRA, Helene Sivini. **Do desenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: um dos desafios lançados ao estado de direito ambiental na sociedade de risco**. In: LEITE, José Rubens Morato; FERREIRA, Helene Sivini; CAETANO, Matheus Almeida (org). *Repensando o estado de direito ambiental*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

FIRJAN. **Federação das Indústrias do Rio de Janeiro**. Firjan: cresce busca por profissionais digitais e inovadores, segundo nova edição do “Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil”. Disponível em: [Economia Criativa :: Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil \(firjan.com.br\)](#). Acesso em: 20 set. 2021.

MESSIAS, Fernanda Bocorny; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; SILVA, Caio Frederico e. Economia criativa na arena da sustentabilidade. **Revista do Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**. São Paulo, v. 27, n. 50, p. 1-18, jan./jun. 2020. Disponível em: [A economia criativa na arena da sustentabilidade | Pós-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP](#). Acesso em: 21 set. 2021.





LABORATÓRIO FANTASMA. Informações. Quem somos. **O que é o laboratório fantasma?** 2021. Disponível em: [QUEM SOMOS \(laboratoriofantasma.com\)](http://www.laboratoriofantasma.com). Acesso em: 23 set. 2021.

LEMOS, Dayse Maria Oslegher. **Planejando o Desenvolvimento a partir de Cultura.** Introdução. In: RIBEIRO, Joseanne Maria das Graças; LIMA, Luiz Carlos Almeida; COSTA, Rita de Cássia Sarmento. Caderno de Economia Criativa: Economia Criativa e Desenvolvimento Local. Vitória: SEBRAE, 2011. Disponível em: [19286.pdf \(sebrae.com.br\)](#). Acesso em: 23 set. 2021.

OLIVEIRA, João Maria de; ARAÚJO, Bruno Cesar de; SILVA, Leandro Valério. **Panorama da economia criativa no Brasil.** Texto para discussão. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2013.

PAGLIOTO, Bárbara Freitas. **Economia Criativa:** mediação entre cultura e desenvolvimento. In: LEITÃO, Cláudia; MACHADO, Ana Flávia (org.). Por um Brasil criativo: significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira. Belo Horizonte: Código Editora, 2016.

PALADINO, Gina Gulineli. **Economia criativa e novos desafios do desenvolvimento.** 12/07/2018. Disponível em: [Economia criativa e novos desafios do desenvolvimento – futuri9 – apoio à inovação e ao empreendedorismo para startups e empresas](#). Acesso em: 23 set. 2021.

PEDIGO, Steven. Na base de tudo a criatividade. **Revista Organicom.** São Paulo, v. 12, n. 23, p. 192-196, jun./dez. 2015. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjLrpLPudjuAhVmD7kGHWK4AkMQFjACegQIAxAC&url=https%3A%2F%2Fwww.revistas.usp.br%2Forganicom%2Farticle%2Fdownload%2F139306%2F134647&usg=AOvVaw3KhEJWUoVLjV9o3y4kd42x>. Acesso em: 21 set. 2021.

RAMASCO, Thiago Werner; BLANCHET, Luiz Alberto. Políticas públicas - parâmetros objetivos para sua definição. **Revista Argumentum.** Marília, V. 18, N. 2, pp. 347-361, Mai.-Ago. 2017. Disponível em: [POLÍTICAS PÚBLICAS: PARÂMETROS OBJETIVOS PARA SUA DEFINIÇÃO | Ramasco | Revista Argumentum - Argumentum Journal of Law \(unimar.br\)](#). Acesso em: 21 set. 2021.

REIS, Paula Cristiane Gianini. O processo de institucionalização da economia criativa no Brasil. *Diálogo com a Economia Criativa*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 52-73, jan./abr. 2017. Disponível em: [O processo de institucionalização da economia criativa no Brasil \(cultura.rs.gov.br\)](#). Acesso em: 23 set. 2021.

SANTOS, Laís Alves; NANNI, Henrique Cesar. Economia criativa como estratégia no desenvolvimento de negócios. **Revista Processando o Saber.** São Paulo, v. 10, n. 01, p. 93-112, jan./dez. 2018. Disponível em: [Economia criativa como estratégia no desenvolvimento de negócios | Revista Processando o Saber \(fatecpg.edu.br\)](#). Acesso em: 20 set. 2021.

SACHS, Ignacy. Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. **Revista O&S.** Salvador, v. 12, n. 33, p. 151-165, abr./jun. 2005.





Disponível em: [Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento | Sachs | Organizações & Sociedade \(ufba.br\)](#). Acesso em: 21 set. 2021.

SILVA, Frederico A. Barbosa da; ARAÚJO, Herton Ellery. **Indicador de desenvolvimento da economia da cultura**. Brasília: Ipea, 2010. 148 p. Disponível em: [Capa.indd \(ipea.gov.br\)](#). Acesso em: 21 set. 2021.

SILVA, Frederico Augusto Barbosa da. **Considerações sobre as relações entre economia criativa e políticas de evento**. In: SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ZIVIANI, Paula (orgs.). Políticas públicas, economia criativa e da cultura. – Brasília: Ipea, 2020. 244 p. Disponível em: [200916 politicas publicas economia criativa.pdf \(ipea.gov.br\)](#). Acesso em: 23 set. 2021.

SEBRAE. Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas. **Economia Criativa**. 2021. Disponível em: [- Sebrae](#). Acesso em: 23 set. 2021.

UNCTAD. **United Nations Conference on Trade and Development**. International Year of Creative Economy for Sustainable Development, 2021. 2021. Disponível em: [International Year of Creative Economy for Sustainable Development, 2021 | UNCTAD](#). Acesso em: 20 set. 2021.

UNCTAD (b). **United Nations Conference on Trade and Development**. Creative economy to have its year in the sun in 2021. 13/01/2021. Disponível em: [Creative economy to have its year in the sun in 2021 | UNCTAD](#). Acesso em: 22 set. 2021.

VIA UFSC. **VIA – Estação conhecimento**. Grupo de Pesquisa Habitats de Inovação e Empreendedorismo da Universidade Federal de Santa Catarina. 2021: o ano internacional da economia criativa para o desenvolvimento sustentável. 23/01/2021. Disponível em: [2021 é o ano internacional da economia criativa no mundo \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 25 set. 2021.